



Imagem: fotografia Kirsten Star, de Inez van Lamsweerde, 1977.
Foto-reprodução do livro: 100 for 2000: The Century of Photoart - Photology

Sem solução aparente

Eduardo Motta

A verdade é que Igmarr Korsuth Onoyo não compreendia várias coisas. O porquê deste nome com grafia e sonoridades estrangeiras, por exemplo, quando gerações passadas da família os tinham perfeitamente portugueses. Mais um mico, ela pensou, e riu um pouco, disfarçando para que os pais não registrassem a impropriedade do humor.

Sentada no banco de trás do carro, e enquanto o veículo rodava pesado, ela podia perceber a tensão. Só não sabia explicar exatamente como chegara àquela situação.

Era certo que tudo se precipitara por conta da tatuagem.

Um dia, depois de rondar uma loja obscura no centro da cidade, ela tomou coragem e entrou, para só sair de lá comprometida para sempre com aquela forma que no momento coçava dentro do tênis de cano alto, no lado externo do seu pé direito.

Mentalmente ela recompôs o desenho. Gostava dele, escuro e curvilíneo como o corpo de um bicho, e desculpou-se com um

movimento de ombros considerando que não tinha a menor idéia de que as amigas poderiam copiá-lo.

As rodas do carro fizeram um barulho seco sobre o calçamento e a reunião com a direção da escola lhe voltou à cabeça. Ela deslizou as costas no assento de couro para olhar o reflexo do sol nos edifícios acima e deixou que a densidade da imagem se evaporasse.

A vantagem é que Igmarr tinha muitos interesses, e logo se distraía com eles. Graças ao iPod, ela reconheceu, mergulhando outra vez nas batidas da música.

Lentamente o carro estacionou. Igmarr afastou os pequenos fones metálicos a tempo de ouvir o longo suspiro da mãe, e soube que haviam chegado. Estendeu a mão e tocou a bolsa de nylon vermelha no banco do carro puxando-a para o colo. Observou o colorido dos bottons que prendera na alça, gostou deles e, preguiçosamente, esticou-se toda para sair.